



FERNANDO LOPES

cinemateca

7 - 31 março 2014



Fernando Lopes (1935-2012) deu, juntamente com Paulo Rocha, os passos que puseram em marcha o Cinema Novo Português nos anos sessenta, como ele assumindo-se uma sua figura tutelar. Entre os anos sessenta de BELARMINO – a primeira longa-metragem, dois anos posterior à estreia no cinema – e os da segunda década de 2000 de EM CÂMARA LENTA, a obra de Fernando Lopes atravessou capitalmente o cinema português, construindo-se num balanço de dois impulsos, o documental e o da ficção, congregando afinidades e assumindo uma pluralidade de tons que permitiu a coexistência, com as obras de maior fôlego, de pequenos filmes institucionais e publicitários que foram simultaneamente um campo de experimentação (numa primeira fase, dos anos sessenta e setenta) e retratos de cumplicidades artísticas (nas décadas de noventa e seguintes). Nas longas-metragens de ficção, assinala-se a recorrência das adaptações literárias de escritores contemporâneos de Lopes, a partir de UMA ABELHA NA CHUVA, cujo argumento se baseia no romance homónimo de Carlos de Oliveira: casos de Mário Zambujal (CRÓNICA DOS BONS MALANDROS), Antonio Tabucchi (O FIO DO HORIZONTE), José Cardoso Pires (O DELFIM, com a participação no argumento de Vasco Pulido Valente), Rui Cardoso Martins (EM CÂMARA LENTA). E os casos em que Fernando Lopes assumiu a autoria ou coautoria dos argumentos que filmou, como em NÓS POR CÁ TODOS BEM (onde teve a colaboração literária de Alexandre O'Neill) e o seu *raccord* passados cerca vinte anos – SE DEUS QUISER...; MATAR SAUDADES (que também contou com as participações de Carlos Saboga e António-Pedro Vasconcelos); LÁ FORA e 98 OCTANAS, os dois filmes da sua parceria com João Lopes; OS SORRISOS DO DESTINO, em cujo argumento trabalhou com Paulo Filipe Monteiro. Nelas, Fernando Lopes foi originalmente lisboeta, cronista, retratista, no sentido em que as notas seguintes apresentam os seus filmes.

Nascido em Alvaiázere, chega a Lisboa em 1945 e apaixonou-se pelo cinema com HANGMEN ALSO DIE de Fritz Lang, praticando uma cinefilia autodidata nas salas de cinema da cidade e no Cineclube Imagem. Da sua formação fazem parte o trabalho na televisão pública portuguesa onde começa em 1957, depressa descobrindo na montagem o seu espaço natural; a aprendizagem académica na London School of Film Technique frequentada graças a uma bolsa do Fundo Nacional de Cinema entre 1959 e 61, onde toma contacto direto com o “free cinema”, se torna espectador do British Film Institute e tem a oportunidade de um estágio com Nicholas Ray em THE SAVAGE INNOCENTS; a posterior atividade retomada na RTP paralelamente à realização de curtas-metragens para cinema. Realiza a primeira longa, BELARMINO, a convite de António da Cunha Telles, no ano anterior a uma residência de um mês nos Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Fulbright (que lhe permite conviver com Jean Renoir em Los Angeles), reunindo-se depois ao grupo que elabora o documento “O Ofício do Cinema em Portugal”, dirigido à Fundação Calouste Gulbenkian e decisivo para o seu apoio ao cinema através da cooperativa Centro Português de Cinema, de que é presidente. Entre 1972 e 1974 assume a direção da nova série da revista *Cinéfilo*, que tem grande influência e deixa um assinalável rasto, voltando à RTP em 1978 para dirigir o segundo canal da estação pública e, mais tarde, o seu departamento de coproduções. Entre 1979 e 93, neste contexto, desenvolve um trabalho fundamental na produção de cinema em Portugal, revelador de uma visão e de uma generosidade que pessoalmente o marcam como o interlocutor privilegiado de realizadores portugueses de várias gerações e círculos. Em 1975, é um dos trabalhadores da atividade cinematográfica que (não) assinam o coletivo AS ARMAS E O POVO. Participa como ator em alguns filmes de outros realizadores, de KILAS O MAU DA FITA de José Fonseca e Costa e ROSA DE AREIA de António Reis e Margarida Cordeiro nos anos oitenta, a A FELICIDADE de Jorge Silva Melo ou THE LOVEBIRDS de Bruno de Almeida (2008), dando voz à versão portuguesa de KALI, O PEQUENO VAMPIRO de Regina Pessoa (2012).

Os filmes desta retrospectiva vão ser apresentados em cópias novas ou resultantes de processos de preservação dos anos noventa (até SE DEUS QUISER... e à exceção de O FADO OPERÁRIO, a apresentar numa cópia 16mm de época). Entre as “falhas” desta retrospectiva, as primeiras das quais as curtas de escola THE BOWLER HAT, INTERLUDE e THE LONELY ONES realizadas em 1960 em Londres, é de assinalar a ausência de NACIONALIDADE PORTUGUÊS, correalizado em 1973 com Gérard Castello-Lopes e Nuno Bragança. HABITAT e SONS E CORES DE PORTUGAL, duas curtas-metragens documentais realizadas no contexto de produção do Centro Português de Cinema, originalmente rodados em 16mm e de que não existem materiais de projeção, vão ser apresentados em transcrições videográficas na sala 6x2, onde este mês estará igualmente patente o registo da conferência de imprensa que anunciou a retrospectiva da Cinemateca “Fernando Lopes Por Cá” em 1996 e a série televisiva de 2005 ELA POR ELA.

BELARMINO

de Fernando Lopes

com Belarmino Fragoso, Albano Martins, Júlia Buisel
Portugal, 1964 – 72 min

É um dos filmes chave do Cinema Novo Português, produzido por António Cunha Telles com uma equipa pequena de jovens iniciados e baixo orçamento pouco depois de OS VERDES ANOS de Paulo Rocha. BELARMINO capta uma Lisboa noturna e marginal como até então ninguém a tinha filmado. Utilizando métodos semelhantes aos do cinema direto, Fernando Lopes segue Belarmino Fragoso, um pugilista, e através dele mostra os sinais de uma cidade (e de um país) à beira do sufoco. “BELARMINO é o nosso ‘filme negro’, o nosso filme de guerra, de gangsters ou de aventuras: fala da solidão e do medo. Fala de algo universal e por isso resiste” (José Manuel Costa).

Sex. [07] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

AS PEDRAS E O TEMPO – ÉVORA

Portugal, 1961 – 16 min

O VOO DA AMIZADE

Portugal, 1961 – 13 min

AS PALAVRAS E OS FIOS

Portugal, 1962 – 12 min

de Fernando Lopes

duração total da sessão: 41 min

A sessão reúne três trabalhos de curta-metragem de Fernando Lopes anteriores a BELARMINO, dois títulos seminais na sua obra (AS PEDRAS E O TEMPO e AS PALAVRAS E OS FIOS respetivamente produzidos pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo e por Álvaro Belo Marques para a CEL-CAT) e um terceiro representativo da série de filmes institucionais e promocionais que realizou em paralelo à sua obra cinematográfica (O VOO DA AMIZADE, uma produção Filipe de Solms para a TAP, com fotografia de Aquilino Mendes como

AS PEDRAS E O TEMPO). Com AS PEDRAS E O TEMPO, Fernando Lopes quis, como disse na altura, “ fazer sentir a presença do tempo em Évora, estabelecendo um contraste entre o silêncio das pedras e o ruído da vida, entre o vazio das praças e a gente que passa, entre o preto e o branco, tudo isto salientando os extraordinários valores plásticos da capital alentejana”. Retratando um universo industrial, AS PALAVRAS E OS FIOS revela por seu lado uma óbvia inspiração na exploração do movimento e da cor. Como em BELARMINO, a sua banda musical apresenta o jazz de Manuel Jorge Veloso. Dedicado aos emigrantes, utilizando imagens de arquivo alusivas à viagem inaugural de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, O VOO DA AMIZADE centra-se na rota aérea entre Lisboa e o Rio de Janeiro como estímulo das relações entre Portugal e o Brasil. O VOO DA AMIZADE é uma primeira exibição na Cinemateca.

Sáb. [08] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

VERMELHO, AMARELO E VERDE

Portugal, 1966 – 9 min

CRUZEIRO DO SUL

Portugal, 1966 – 17 min

HOJE ESTREIA

Portugal, 1967 – 8 min

TEJO – ROTA DO PROGRESSO

Portugal, 1967 – 11 min

A AVENTURA CALCULADA

Portugal, 1970 – 14 min

ERA UMA VEZ... AMANHÃ

Portugal, 1971 – 10 min

com Luís Lança, Conceição Pombo, Isabel Fernandes

O ENCOBERTO

Portugal, 1975 – 11 min

de Fernando Lopes

duração total da sessão: 80 min

O programa reúne sete dos títulos de curta-metragem realizados por Fernando Lopes entre meados dos anos sessenta, pós-BELAR-

MINO, e meados dos anos setenta, pós-UMA ABELHA NA CHUVA no caso dos dois últimos filmes do alinhamento que segue a cronologia das datas. VERMELHO, AMARELO E VERDE, TEJO – ROTA DO PROGRESSO, A AVENTURA CALCULADA (respetivamente produzidos pela Prevenção Rodoviária Portuguesa, Lisnave e Laboratório Nacional de Engenharia Civil) integram-se na série de filmes institucionais que Lopes realizou respondendo a encomendas encaradas como um campo de ensaios e experimentação. O primeiro, também o primeiro filme de Lopes com fotografia de Manuel Costa e Silva, tem comentário de Alexandre O’Neill e assenta em variações sobre o motivo do trânsito, dos sinais e da prevenção rodoviária; o segundo, com música de Manuel Jorge Veloso, regista imagens do estaleiro da Lisnave como a maior doca seca ocidental da altura; o terceiro, com locução de Gérard Castello-Lopes regista um estudo de barragens e obras de engenharia portuguesa como as da primeira ponte sobre o Tejo. CRUZEIRO DO SUL (uma produção Ricardo Malheiro para Cultura Filmes) evoca a travessia aérea do atlântico sul em 1922 por Gago Coutinho e Sacadura Cabral. HOJE ESTREIA (produzido por Gérard Castello-Lopes para Média Filmes) tem comentário de Alberto Seixas Santos e Fernando Matos Silva como assistente de realização, centrando-se “no mais lisboeta dos cinemas de Lisboa”, o Condes, inaugurado em 1916 e reconstruído em tempo mínimo em setembro de 1967 na sequência de um incêndio nessa mesma data. ERA UMA VEZ... AMANHÃ (produção Telecine-Moro) é realizado com colaboração literária de Maria Alberta Meneses. Terceira das curtas-metragens filmadas entre a ABELHA e NÓS POR CÁ TODOS BEM (para além de ERA UMA VEZ... AMANHÃ e NACIONALIDADE PORTUGUÊS, correalizado em 1973 com Nuno Bragança, a mais grave das “faltas” desta retrospectiva, por inexistência de materiais localizáveis a esta data),

O ENCOBERTO é o filme em que Fernando Lopes filmou a escultura de D. Sebastião de João Cutileiro no momento da sua montagem pelo escultor em Lagos.

Ter. [11] 19:30 | Sala Luís de Pina

Qui. [13] 19:30 | Sala Luís de Pina

UMA ABELHA NA CHUVA

de Fernando Lopes

com Laura Soveral, João Guedes, Zita Duarte, Ruy Furtado, Carlos Ferreira

Portugal, 1971 – 66 min

A segunda longa-metragem de Fernando Lopes é uma adaptação do romance homónimo de Carlos de Oliveira, um clássico da literatura portuguesa. Uma realização original, com alguma influência de Bergman, contando a história das frustrações de um casal formado por um proprietário rural e uma aristocrata arruinada. Primeira adaptação literária de Lopes, UMA ABELHA NA CHUVA é um filme elíptico e surpreendente. “Instigado por esse desejo de rutura com a transparência ou o naturalismo americano, Lopes refletiu sobre o lugar da ficção cinematográfica centrando-se naquilo que, por esses anos, voltava a ser uma pedra de toque: a montagem” (José Manuel Costa).

Ter. [11] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

O FADO OPERÁRIO / CANTIGAMENTE – Nº 1

de Fernando Lopes

Portugal, 1976 – 78 min

Produção do Centro Português de Cinema para a RTP, é o primeiro episódio da série televisiva “Cantigamente”, que também contou com títulos realizados por António-Pedro Vasconcelos, José Álvaro Morais, Rogério Ceitil, Ernesto de Sousa e António Escudeiro, assente na ideia da revisitação da história social e política portuguesa do século XX a partir do eixo orientador de músicas e canções representativas da época

retratada. Contando com testemunhos de Jacinto Baptista, Oliveira Marques, César de Oliveira, João Perry e Alexandre O'Neill, e assente numa estrutura convencional que combina testemunhos, material de arquivo (incluindo excertos de LISBOA CRÓNICA ANEDÓTICA de Leitão de Barros e JOÃO RATÃO de Jorge Brum do Canto) e comentário off, O FADO OPERÁRIO documenta o período que vai do fim da monarquia ao momento da ascensão do regime fascista em 1926.

[Qua. \[12\] 19:30 | Sala Luís de Pina](#)

[Seg. \[17\] 22:00 | Sala Luís de Pina](#)

NÓS POR CÁ TODOS BEM

de Fernando Lopes

com Zita Duarte, Wanda França, Adelaide João, Fernando Barradas, Lia Gama, Paula Guedes

Portugal, 1978 – 80 min

Longe do “cinema militante” e mais perto do que se pode designar por “cinema etnográfico”, a terceira longa-metragem de Fernando Lopes elege o lugar da Várzea dos Amarelos, na Beira Litoral, e os seus habitantes: um documento sobre a vida na Várzea, uma entrevista com a mãe do realizador, um registo da realização do filme. E também uma forma de notar os “ecos da revolução” na sociedade portuguesa, fora da cidade, depois do 25 de abril de 1974. NÓS POR CÁ TODOS BEM é uma produção do Centro Português de Cinema, inserindo-se no projeto coletivo do Museu da Imagem e do Som, que também deu lugar a TRÁS-OS-MONTES de António Reis e Margarida Cordeiro, MÁSCARAS de Noémia Delgado e FALAMOS DE RIO D'ONOR de António Campos.

[Qua. \[12\] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro](#)

CRÓNICA DOS BONS MALANDROS

de Fernando Lopes

com Duarte Nuno, João Perry, Lia Gama, Maria do Céu Guerra, Nicolau Breyner, Paulo de Carvalho
Portugal, 1984 – 82 min

Quarta longa-metragem de Fernando Lopes com ponto de partida no livro homónimo de Mário Zambujal. Filme elíptico e festivo em que o protagonismo é concedido à cidade de Lisboa, CRÓNICA DOS BONS MALANDROS junta uma estrutura narrativa fragmentária a uma série de referências que incluem a tradição policial, a comédia, a música ligeira e a banda desenhada. “Tentei fazê-lo como uma espécie de banda desenhada, mas não o consegui levar conseqüentemente até ao fim. [...] Curiosamente acabou por ser o meu filme mais popular: teve cem mil espectadores” (Fernando Lopes).

[Sex. \[14\] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro](#)

MATAR SAUDADES

de Fernando Lopes

com Rogério Samora, Teresa Madruga, Pedro Éfe, Eunice Muñoz

Portugal, 1988 – 83 min

Um emigrante, ex-combatente na guerra colonial, volta à sua terra em Trás-os-Montes para ajustar contas com as traições que lhe foram feitas e recuperar o amor da mulher que o esqueceu. Chama-se Abel, como o irmão traído por Caim, e regressa a casa como Ulisses a Ítaca, sendo a sua história filmada a partir de um argumento escrito por Carlos Saboga, António-Pedro Vasconcelos e Fernando Lopes. “Para uma visão tão radicalmente panteísta, Fernando Lopes não procurou apoios em textos. Mas no imaginário cinematográfico português que já fora a essas terras para ver (Oliveira, certamente, mas mais ainda António Reis) e no imaginário mítico cinematográfico, onde as paixões dos homens mais radicais foram. Temos que remontar aos grandes westerns (Vidor, Walsh, Ford) para buscar a outra linhagem deste filme que,

como num western, comprime o tempo para dilatar o espaço” (João Bénard da Costa).

[Sáb. \[15\] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro](#)

O FIO DO HORIZONTE

de Fernando Lopes

com Claude Brasseur, Andrea Ferreol, Ana Padrão

Portugal, França, 1993 – 91 min / versão francesa legendada em português

Nesta adaptação do romance de Antonio Tabucchi, Fernando Lopes revela-nos uma Lisboa escura e melancólica, à margem dos clichés e inspirada em Cesário Verde. Entre o thriller e o fantástico, sem nunca resvalar para nenhum deles, O FIO DO HORIZONTE mostra-nos um homem confrontado com a imagem da sua própria morte. “Encontramos uma Lisboa revista em chave ambigüamente realista. ‘Realista’, porque todos estes lugares são reconhecíveis, dotados de uma espécie de plausibilidade que nem se esgota numa mera sinalização tipológica nem, no fundo, a contradiz (...). Mas ambígua porque esta Lisboa, raramente ou nunca filmada ‘em plano geral’, surge singularmente cerrada, misteriosa, ‘cabalística’ (...) Uma Lisboa, enfim, filmada como inesgotável fonte de narrativas” (Luís Miguel Oliveira). Foi o filme da segunda colaboração entre Lopes e António da Cunha Telles, produtor de BELARMINO, aqui responsável pela produção executiva.

[Ter. \[18\] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro](#)

SE DEUS QUISER...

de Fernando Lopes

Portugal, 1996 – 64 min

Primeira experiência em vídeo de Fernando Lopes, SE DEUS QUISER... foi o filme do seu regresso à Várzea dos Amarelos, onde nasceu e realizou NÓS POR CÁ TODOS BEM. “SE DEUS QUISER... passou a ser um *work in progress*, com revisitações regulares à Várzea, uma espécie de diário e de reflexão sobre imagens e sons, que espero venham a ter efeito sobre futuras ficções minhas. Digamos que ver este SE

DEUS QUISER... é aceitar um convite à viagem, à oficina das imagens e dos sons, tal como eu as pratico, e que desejo compartilhar convosco” (Fernando Lopes).

[Qua. \[19\] 19:30 | Sala Luís de Pina](#)

[Ter. \[25\] 19:30 | Sala Luís de Pina](#)

LISABON WUPPERTAL LISBOA

Portugal, 1998 – 35 min / legendado em português

GÉRARD, FOTÓGRAFO

Portugal, 1998 – 43 min

de Fernando Lopes

duração total da sessão: 78 min

A sessão reúne dois títulos documentais de 1998 centrados em criadores artísticos. O primeiro acompanha a residência em Lisboa de Pina Bausch e da sua companhia, a Tanztheater Wuppertal, que conduziu à criação de “Masurca Fogo”, coreografia inspirada na cidade. Ao incidir sobre o trabalho concreto deste conjunto de bailarinos, o filme testemunha uma experiência única, compartilhando o peso e a graça do universo de Bausch. Para o segundo, Fernando Lopes filmou Gérard Castello-Lopes em 1997, compondo o seu retrato do fotógrafo, amigo e colaborador em NACIONALIDADE PORTUGUÊS (correalizado por Lopes, Gérard e Nuno Bragança em 1973) a partir de uma longa entrevista filmada no laboratório do fotógrafo. A descoberta da fotografia, o percurso e as várias fases do trabalho fotográfico de Gérard – as fotografias dos anos cinquenta e as dos anos oitenta em diante – são seguidas na primeira pessoa. As famosas fotografias das escadinhas de São Cristóvão (Lisboa, 1957) e da grande pedra que flutua no mar (Figueira do Guincho, 1988) são duas âncoras do filme.

[Qua. \[19\] 22:00 | Sala Luís de Pina](#)

O DELFIM

de Fernando Lopes

com Rogério Samora, Alexandra Lencastre, Rui Morrison, Miguel Guilherme, Joaquim Leitão

Portugal, 2001 – 83 min

Fernando Lopes filmou o argumento de Vasco Pulido Valente a partir do romance de José Cardoso Pires, dando a Rogério Samora e a Alexandra Lencastre dois dos seus melhores papéis em cinema: Portugal, finais dos anos sessenta, Tomás Palma Bravo, o Delfim, senhor da Lagoa, da Gafeira e marido de Maria das Mercês, “é o herdeiro de um mundo em decomposição”. À volta da sua personagem, o retrato da agonia lenta do país salazarista em plena Guerra Colonial, com ligações identificáveis a UMA ABELHA NA CHUVA. O DELFIM foi o filme do início da colaboração de Fernando Lopes com Paulo Branco, que seria o produtor das suas longas-metragens de ficção seguintes.

Sex. [21] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

LÁ FORA

de Fernando Lopes

com Rogério Samora, Alexandra Lencastre, Ana Zanatti, Maria João Abreu, Joaquim Leitão

Portugal, França, 2004 – 105 min

Depois de O DELFIM, Fernando Lopes conservou o par protagonista (Rogério Samora e Alexandra Lencastre) e mergulhou-o em ambientes e registos completamente diferentes. LÁ FORA é um filme quase antonioniano sobre as solidões e as dificuldades de comunicação no mundo moderno – assumindo-se aqui que esse “mundo moderno” é representado pelo condomínio fechado em que vivem os protagonistas. LÁ FORA tem argumento de João Lopes (a partir de uma ideia de Fernando Lopes), que assinaria também o do seguinte 98 OCTANAS. A fotografia é de Edmundo Díaz, a partir deste filme diretor de fotografia de Lopes. Entre a música, algumas peças de Bernardo Sassetti.

Sáb. [22] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

98 OCTANAS

de Fernando Lopes

com Rogério Samora, Carla Chambel, Márcia Breia, Fernando Heitor, Joaquim Leitão, Fernando Lopes

Portugal, 2006 – 95 min

O filme da segunda colaboração de Fernando Lopes com João Lopes no argumento adapta um texto de Diogo Seixas Lopes na obra homónima que retrata o universo das autoestradas e estações de serviço. “A viagem de 98 OCTANAS faz-se de uma dupla geografia. Percorrendo o país através de sucessivas áreas de serviço, Dinis e Maria são náufragos de um tempo cuja violência conhecem demasiado bem, mesmo se não sabem que palavras dizer ou que gestos executar para resistir a todas as suas manifestações quotidianas. Utopicamente (mas eles já não sabem o que seja a utopia), seriam um par romântico entregue ao fascínio do seu próprio enigma. Na verdade, deslocam-se em direção a esse ponto de fuga que é a avó de Maria como quem pergunta: será que temos uma história? Será que ainda podemos ter uma história?” (Fernando Lopes). Primeira exibição na Cinemateca.

Seg. [24] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

OS SORRISOS DO DESTINO

de Fernando Lopes

com Ana Padrão, Rui Morrison, Milton Lopes, Teresa Tavares, Cristóvão Campos, Pedro Lopes, Rogério Samora, Alexandra Lencastre, Julião Sarmento

Portugal, 2009 – 98 min

Partindo de um argumento coescrito com Paulo Filipe Monteiro, OS SORRISOS DO DESTINO é, escreveu Fernando Lopes, “um filme sobre relações virtuais e infidelidades electrónicas (...), uma história de intensos amores e profundos desamores que, como diria a Dolores Duan, é como se fosse uma canção de dor de corno”. Variação sobre o tema do casal a partir de uma intriga assente num triângulo amoroso com reminiscências de motivos anteriores do realizador, trabalhando o registo da comédia de costumes e referências cinéfilas com lugar para a evocação

de um muito célebre plano de lua segundo Méliès. Primeira exibição na Cinemateca.

Qua. [26] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

BERNARDO MARQUES – O AR DE UM TEMPO

Portugal, 1999 – 45 min

CINEMA

com Isabel Ruth

Portugal, 2001 – 23 min

TOMAI LÁ DO O'NEILL

com Rogério Jacques

Portugal, 2004 – 53 min

de Fernando Lopes

duração total da sessão: 121 min

A sessão reúne dois títulos documentais, o primeiro dos quais realizado no quadro da série da RTP “Artes & Letras”. A partir de uma ideia de Maria João Seixas, a colaboração e participação de Maria Elisa Marques, por ocasião de uma retrospectiva do artista organizada pelo Museu do Chiado, BERNARDO MARQUES – O AR DE UM TEMPO evoca a vida e obra do caricaturista, desenhador, aquarelista e ilustrador, destacada figura da segunda geração de pintores modernistas portugueses. Realizado a seguir a O DELFIM, com depoimentos de Antonio Tabucchi, Hellmut Wohl, Gérard Castello-Lopes, João Botelho, Afonso O'Neill, Mário Cesariny de Vasconcelos, TOMAI LÁ DO O'NEILL é outro dos retratos afetivos de Lopes a um dos seus cúmplices de longo curso, um tributo pessoal a “um dos maiores poetas do nosso século XX, com quem tive o privilégio de conviver”, como na altura disse. Entre os filmes documentais, apresenta-se CINEMA, realizado para a Porto 2001 em homenagem a Aurélio da Paz dos Reis e rodado no Teatro Sá da Bandeira, como um filme construído a partir do poema homónimo de Carlos de Oliveira com a participação de Isabel Ruth e imagens de OS VERDES ANOS de Paulo Rocha. “Um filme que dá conta da liturgia do cinema, da sua morte e ressurreição.” Primeiras exposições na Cinemateca.

Qua. [26] 22:00 | Sala Luís de Pina

ELEGIA POR ALGUNS FOTOGRAMAS PORTUGUESES

com Isabel Ruth

Portugal, 2007 – 8 min

O MEU AMIGO MIKE AO TRABALHO

Portugal, 2008 – 48 min

de Fernando Lopes

duração total da sessão: 56 min

A sessão reúne dois filmes de Fernando Lopes produzidos pela Midas Filmes. Em ELEGIA POR ALGUNS FOTOGRAMAS PORTUGUESES, partindo das imagens pioneiras do cinema português de Aurélio da Paz dos Reis, de fotografias de filmes de Manoel de Oliveira, João César Monteiro ou, entre vários outros, José Álvaro de Morais, Fernando Lopes filma ainda o poema *Cinema* de Carlos de Oliveira numa interpretação de Isabel Ruth (retomada de CINEMA), concebendo, em duas partes, uma ELEGIA pessoal ao cinema português. O MEU AMIGO MIKE AO TRABALHO apresenta-se como “um filme de Fernando Lopes com o pintor Michael Biberstein” e foi filmado no atelier do pintor, que então vivia em Portugal há 30 anos. Fernando Lopes escreveu na altura: “Decidimos partir para esta aventura numa conversa em casa de amigos comuns. ‘Mike, porque é que não fazes um quadro para eu filmar?’. ‘Porque não?’, respondeu-me o Mike. ‘Devo dizer-te, no entanto, que se não gostar do quadro não há filme.’ ‘Vamos arriscar, essa é a verdadeira natureza do cinema, e já agora da pintura, não achas?’”. O que arriscaram resultou num belíssimo filme que evoca Michael Biberstein (1948-2013), artista plástico suíço radicado em Portugal desde a década de setenta.

Qui. [27] 19:30 | Sala Luís de Pina

A FELICIDADE

de Jorge Silva Melo

com Fernando Lopes, Pedro Gil, Miguel Borges

Portugal, 2008 – 8 min

THE LOVEBIRDS

de Bruno de Almeida

com Michael Imperioli, John Ventimiglia, Ana Padrão, Joaquim de Almeida, Drena De Niro, Fernando Lopes

Portugal, Estados Unidos, 2008 – 81 min / legendado em português

duração total da sessão: 89 min

Fernando Lopes filmado por Jorge Silva Melo e Bruno de Almeida. Sobre A FELICIDADE (primeira exibição na Cinemateca), Jorge Silva Melo: “Um pai e um filho. O pai terá setenta anos, o filho pouco mais de vinte. O filho leva o pai ao hospital. Na rádio, ouve-se música clássica: o *Exultate, Jubilate* de Mozart, cantado por Teresa Stich-Randall. Nem o pai sabia que o filho gostava de música clássica, nem o filho sabia que aquela seria a última conversa que teria com o pai. Mas Mozart pede que as almas se alegrem, que os homens rejubilem.” THE LOVEBIRDS, terceira longa-metragem de ficção de Bruno de Almeida passa-se em Lisboa, onde foi filmado, no decorrer de uma noite que segue seis histórias simultâneas, todas elas de amor e sobrevivência. As personagens principais são um americano que está de passagem, uma rapariga de Alfama, dois malandros dedicados a pequenos roubos, um realizador de cinema empenhado num filme sobre boxe, um arqueólogo estrangeiro obcecado nas escavações em que está metido, um taxista emigrante e um piloto de aviões. Fernando Lopes interpreta o papel do realizador de cinema num segmento que evoca “raccords sobre raccords (Fernando Lopes e BELARMINO, Belarmino e Lisboa, Lisboa e o cinema, para nomear os mais transparentes)” (Maria João Madeira).

Sex. [28] 19:00 | Sala Dr. Félix Ribeiro

KALI: O PEQUENO VAMPIRO

de Regina Pessoa

com Fernando Lopes (voz)

Portugal, 2012 – 9 min

FERNANDO LOPES, PROVAVELMENTE

de João Lopes

Portugal, 2008 – 94 min

duração total da sessão: 103 min

Fernando Lopes é a voz da versão portuguesa do mais recente filme de animação de Regina Pessoa, “a história de um rapaz que sonha com um lugar ao sol mas é na sombra que encontra a luz que procura. É o último capítulo de uma trilogia e o resultado de uma reflexão sobre os temas e as estéticas que me têm inspirado: a infância e os seus os medos, a diferença, a solidão, a luz e a sombra. No fundo, é a reconciliação com a infância, o aceitar ser adulto, deixar de fugir dos medos e conseguir vê-los de outro ângulo”. (Regina Pessoa) Primeira exibição na Cinemateca. “Sou um realizador improvável porque, como diria o O’Neill, estou onde não devia estar. Nada na minha vida indicava que eu podia vir a ser um realizador de cinema. (...) No fundo, o que estava previsto era que eu fosse um camponês da Várzea, alguém que trabalhasse a terra... e depois acabei a trabalhar imagens e sons” (Fernando Lopes em FERNANDO LOPES, PROVAVELMENTE). Na sua primeira longa-metragem, João Lopes retrata Fernando Lopes num filme que define como uma viagem em que “desaparecem as fronteiras entre o cinema e a vida” sem que seja “um movimento nostálgico, mas uma exigência de verdade”. Da infância passada na Várzea à aventura lisboeta do Cinema Novo português, FERNANDO LOPES, PROVAVELMENTE foca o universo e percurso do realizador.

Seg. [31] 19:30 | Sala Luís de Pina

EM CÂMARA LENTA

de Fernando Lopes

com Rui Morisson, João Reis, Maria João Pinho, Maria João Luís, Maria João Bastos, Carlos Santos, John Frey, Nuno Rodrigues, Miguel Monteiro

Portugal, 2011 – 71 min

EM CÂMARA LENTA é a última longa-metragem de Fernando Lopes, a partir de um argumento de Rui Cardoso Martins que adapta livremente o romance homónimo de Pedro Reis, “um asteroide romanesco raro e surpreendente na literatura portuguesa” nas palavras de Fernando Lopes. O filme é assim apresentado: “Salvador conhecia Constança e Santiago. Não conhecia mas admirava Laurence. De entre eles, Laurence conhecia Santiago. Constança não conhecia Laurence. Só Santiago conhecia Laurence, Constança e Salvador. Uma teia de relações em que cada personagem talvez não coincida com a própria identidade que a ficção parece garantir. Num certo sentido, cada um vive em estado de branda amnésia: o inevitável ‘quem sou eu?’ amplia-se, transfigura-se e ecoa num plural e perturbante ‘não sei quem tu és’.”

Seg. [31] 21:30 | Sala Dr. Félix Ribeiro

SALA 6X2

Sessões contínuas

2ª a 6ª feira, das 13h30 às 22h00

Entrada livre

APRESENTAÇÃO DO CICLO

FERNANDO LOPES POR CÁ | 3 - 7 março

Portugal, 1996 – 27 min

Registo da conferência de imprensa e sessão de apresentação da retrospectiva organizada pela Cinemateca em maio e junho de 1996 com o título “Fernando Lopes por Cá”, que teve lugar na pastelaria Vává a 15 de abril de 1996. Com intervenções de João Bénard da Costa, Fernando Lopes e António da Cunha Telles.

HABITAT - UN DÉFI | 10 - 12 março

Fernando Lopes, Portugal, 1976 – 24 min

Produção do Centro Português de Cinema, uma curta-metragem documental centrada na situação das carências habitacionais portuguesas da época. Comissão Nacional para o Desenvolvimento e o Fundo de Desenvolvimento para a Habitação.

SONS E CORES DE PORTUGAL | 13 - 14 março

Fernando Lopes, Portugal, 1977 – 11 min

Produção do Centro Português de Cinema, uma curta-metragem documental que regista a realidade portuguesa pós-1974 através da ilustração da música original de António Victorino d’Almeida.

ELA POR ELA | 17 - 31 março

Fernando Lopes, Portugal, 2005 | 13 programas de 25 min

Série televisiva com Agustina-Bessa Luís e Maria João Seixas em conversas sobre provérbios e aforismos.

Programa sujeito a alterações.

Horário da bilheteira:

seg./sáb., 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00

Não há lugares marcados

Bilhetes à venda no próprio dia

Classificação Geral dos Espectáculos: maiores de 12 anos

Rua Barata Salgueiro 39 em Lisboa | www.cinemateca.pt